

"EMPOSSAMENTO", de Mauro Restiffe

Gil Sibin — 20 de abril de 2013 — revisto e ampliado em 2026



Da série Empossamento — Mauro Restiffe, 2003

Segundo o crítico Dan Cameron, a fotografia de Mauro Restiffe se baseia, há muito tempo, numa espécie de observação oblíqua daquilo que o circunda — como se o fotógrafo dirigisse seu interesse a imagens que aparentemente revelam pouco, mas que, na realidade, expressam muito. Afastando-se de qualquer tendência da fotografia contemporânea que encene ou manipule suas cenas, Restiffe não retoca as próprias fotos, nem em laboratório, nem por computador. É uma escolha que atravessa tanto sua ética quanto sua estética: nascido em 1970 em São José do Rio Pardo (SP), formado em cinema pela FAAP em 1993 e depois em fotografia pelo International Center of Photography, em Nova York, ele fotografa desde o fim dos anos 1980 usando exclusivamente a técnica analógica — um compromisso que mantém até hoje, num tempo em que quase tudo ao seu redor já se tornou digital.

N uma observação atenta, anônima e de inserção demorada — e ao mesmo tempo sedutora — daquilo que está à sua volta, o fotógrafo abandona o distanciamento excessivo e a visão crítica convencional para apresentar os grandes espaços urbanos da maneira mais natural possível, porém ressignificados pela representação física a partir de um olhar refinado e personalíssimo. A série fotográfica "Empossamento", realizada no dia 1º de janeiro de 2003, data da posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, surpreende pelo inusitado do enfoque ao retirar os políticos de cena. Parte integrante do viés conceitual de seu trabalho, a construção desse contexto fotográfico induz à reflexão pela ausência, fazendo com que o observador busque a leitura do que não é revelado, mas sugerido, evocado. O próprio autor declarou, em entrevistas sobre este trabalho, que "essas figuras mais emblemáticas não me interessam. O que enche o momento são as grandes manifestações".



Da série Empossamento — Mauro Restiffe, 2003

Ao contrário da fotografia cenográfica, em que as cenas são construídas de acordo com o planejamento do fotógrafo, na série "Empossamento" percebe-se o esforço em revelar camadas da realidade que apenas o repouso do olhar é capaz de oferecer, sem se deixar levar pela efervescência do evento. Restiffe concentra sua atenção na configuração da cidade e de seus personagens naquele dia histórico. As imagens refletem a grande expectativa popular que tomou Brasília em 2003. Mostram a ocupação da Esplanada dos Ministérios, o povo que também quer ser "empossado", a invasão das áreas restritas às autoridades e aos festejos oficiais. As fotografias da série sintetizam não apenas aquele momento, mas também uma leitura crítica da nossa memória e do imaginário coletivo da capital do país, de seu espírito modernista e heroico.

Apesar de estáticas, as imagens capturam o transcorrer do tempo, o movimento da história e as percepções subjetivas. Por trás das fotografias, é possível observar um fio condutor, um pensamento que reorganiza e articula ideias. Essa visão do artista ganha forma a partir da cumplicidade com o observador, da ressonância com tudo aquilo que tem olhos para ver.

A série chama a atenção por problematizar as relações entre vida e arquitetura no espaço urbano e segue a fórmula clássica da fotografia em preto e branco de alta qualidade, num momento em que o país era dominado pelas obras de muitos fotógrafos contemporâneos. Mauro Restiffo fotografa com negativos 35 mm, imagens impecavelmente enquadradas, utilizando filme de alta sensibilidade (ASA 3200), conferindo protagonismo ao grão fotográfico, ao qual atribui o papel de ferramenta fundamental na construção de um vocabulário visual apropriado ao contexto da obra. Vistas à distância, essas imagens panorâmicas produzem um efeito que as torna menos específicas, ampliando suas possibilidades de leitura e de significação.

As características representativas dos brancos e pretos são fundamentais no contexto de sua obra e, em especial, na série "Empossamento". Ao enfatizar os significados subjetivos, ampliam-se as possibilidades de interpretações atemporais e densas, revelando linhas e formas, sombras e luzes, a plasticidade e a beleza inerentes à cena registrada que, ao ser despida de suas cores, se apresenta em um nível conceitual de relação com o real.

Na fotografia contemporânea, a decisão pelo uso do preto e branco denota uma ambiguidade: se, por um lado, remete ao diálogo com a fotografia documental clássica, por outro incorpora elementos visuais, conceituais e formalistas próprios da estética contemporânea de representação. Usando esses códigos como suporte, o trabalho de Mauro Restiffo instiga, surpreende e abre brechas nos padrões convencionais. Ao inverter expectativas, reinventa caminhos e desperta uma nova poética do olhar.

Na série "Empossamento", chamam a atenção o enquadramento meticuloso, os ângulos originais e os planos inusitados. Além disso, destaca-se a escolha peculiar da abordagem: exibir imagens dos eleitos sem que eles estejam presentes, substituídos pelo povo — representado por suas presenças, ausências e vestígios.

Assim, quem ocupa os enormes espaços da Praça dos Três Poderes não são os políticos nem as autoridades, mas o povo, que aparece legitimando a escolha do novo presidente. É dele a festa da posse. A presença da Guarda Nacional é suprimida em uma das fotografias, contrastando com a força simbólica da presença popular. Em outra imagem, em primeiro plano, apenas dois capacetes de soldados contrastam com uma ampla gama de tons de cinza provenientes do jardim da Praça dos Três Poderes, tomado por populares em celebração, que comemoram em direção ao Congresso Nacional, local onde o presidente eleito assina o termo de posse.

Em seu conjunto, as fotografias da série compartilham um subtexto comum: o povo ocupa espaços aos quais até então não tinha acesso. Deixa sua marca — no registro histórico, na alegoria da comemoração, na conquista simbolizada, no lixo deixado no chão. Seja na naturalidade de quem observa o espetáculo dos aviões desenhando o céu, seja na "transgressão" de ganhar mais espaço ao ocupar espelhos d'água e lagos que circundam os edifícios simbólicos do poder, os anônimos tornam-se parte indissociável da celebração.

O que talvez não fosse tão evidente em 2013 — quando este texto foi escrito pela primeira vez — é que "Empossamento" não seria um retrato isolado, mas o primeiro capítulo de uma prática que Restiffe manteria viva por décadas. Ele repetiria o mesmo gesto fotográfico na posse de Barack Obama, em 2009, em Washington, e voltaria a fotografar outros eventos políticos recentes sob a mesma lógica de ausência e multidão. O que em 2003 podia parecer um projeto pontual revelou-se, com o tempo, um método: cada posse presidencial que Restiffe fotografa é, de certo modo, uma reencenação da pergunta original — o que significa testemunhar o poder sem fotografar quem o exerce? Essa continuidade ganhou forma mais explícita na 34ª Bienal de São Paulo, quando o artista justapôs, numa mesma instalação, as fotografias de "Empossamento" às da posse de Obama, confrontando dois momentos marcantes da história recente em lados opostos do hemisfério — e transcendendo, assim, o plano pessoal de um único registro para tratar da recorrência do espetáculo político em si.

Em 2022, quase duas décadas depois de fotografar aquele 1º de janeiro em Brasília, o próprio Restiffe voltou a escrever sobre a série, num texto para a revista *ZUM*, do Instituto Moreira Salles. Contou que aquele havia sido o primeiro evento histórico que registrara como fotógrafo, e que o trabalho mudara profundamente sua relação com a fotografia — fazendo-o compreender, de forma mais explícita, algo que já estava latente em produções anteriores: a condição temporal que toda imagem fotográfica carrega, sobretudo a fotografia analógica em preto e branco. As quase duas décadas que ele próprio dizia querer esperar antes de revisitar aquelas imagens já haviam se passado, escreveu — e a história, segundo suas palavras, estava ali para recontextualizá-las, num momento que descreveu como sombrio para o país. Não é preciso concordar com o diagnóstico do fotógrafo sobre seu presente para reconhecer o que essas palavras revelam: "Empossamento" não é apenas o registro de uma esperança popular em 2003, mas também um espelho que devolve, a cada nova leitura, o estado do país que olha para ele. As mesmas fotografias que registraram um povo ocupando, pela primeira vez, os espaços da Praça dos Três Poderes tornaram-se, décadas depois, um lembrete do que uma multidão pode significar — e do quanto essa significação está sempre à mercê do tempo que a observa.